

A cidade antiga entre a Arqueologia e a História: uma entrevista com Rebecca Sweetman*

*The ancient city between Archaeology and History:
an interview with Rebecca Sweetman*

Rebecca Sweetman

Entrevistada

João Carlos Furlani

Entrevistador

Rebecca Jane Sweetman, nascida em 1973, é uma renomada pesquisadora irlandesa especializada na Arqueologia da Grécia romana e na Antiguidade Tardia. Atualmente, ocupa o cargo de professora de História Antiga e Arqueologia na Universidade de St. Andrews, onde anteriormente liderou a Escola de Clássicos. Em setembro de 2022, assumiu a direção da Escola Britânica de Atenas, tendo previamente exercido o cargo de diretora assistente entre 2000 e 2003.

Sua trajetória acadêmica teve início com estudos em Arqueologia e Mundo Antigo na University College Dublin, seguidos por um ano dedicado a escavações. O doutorado, concluído na Universidade de Nottingham, abordou os mosaicos romanos e cristãos primitivos de Creta. Ao longo de sua carreira, Sweetman destacou-se por projetos notáveis, como sua significativa contribuição para a cristianização das Cíclades na Antiguidade Tardia. Em reconhecimento a suas realizações, recebeu a Bolsa Major da Leverhulme Trust e liderou diversos projetos, abordando questões que vão desde paisagens e redes até os processos de cristianização na época tardo-antiga.

Como arqueóloga, concentra sua pesquisa na Grécia nos períodos romano e da Antiguidade Tardia. Inicialmente focada na Creta romana, seu trabalho resultou em uma monografia abrangente sobre a arqueologia da ilha, com destaque para mosaicos, seus artífices e patronos, abrangendo o período dos séculos I a.C. ao VII d.C.

* Entrevista concedida ao Prof. Dr. João Carlos Furlani, em 25 de julho de 2023.

Com uma atuação marcante no Peloponeso, dedicou-se a estudar a construção de igrejas na Antiguidade Tardia, à cristianização e aos processos estratégicos e orgânicos envolvidos na disseminação dessas estruturas, como observado no seu trabalho na Basílica da Acrópole, em Esparta, em parceria com a Dra. Evi Katsara. Atualmente, seus estudos voltam-se para as Cíclades nos períodos romano e tardo-antigo, explorando as razões do sucesso dessas ilhas em momentos desafiadores, como sua integração ao Império Romano e, posteriormente, ao mundo cristão.

Além de seu compromisso acadêmico, Sweetman envolveu-se em projetos colaborativos interdisciplinares, incluindo reconstruções digitais de sítios arqueológicos com colegas em Ciência da Computação, e estudos de experiências hápticas com Arqueologia para o bem-estar em colaboração com colegas em Neurociência. Seu trabalho nesta última área culminou com o Prêmio de Melhor Artigo de Estudos de Visitantes Chandler Screven Memorial em 2021. Demonstrando também seu lado filantrópico, arrecadou fundos para refugiados em Atenas, em 2019.

Vinculada à Escola de Clássicos da Universidade de St. Andrews, a professora supervisiona estudantes em temas como portos e comércio, mulheres, espaços funerários, experiências hápticas com Arqueologia para o bem-estar e o culto a Ísis. Ao longo de sua carreira, orientou pesquisas sobre Esparta, as Cíclades nos períodos da Antiguidade Tardia e Bizantino, e sobre as Cíclades e Creta na Idade do Ferro.

1. João Carlos Furlani: Em primeiro lugar, gostaria de agradecer por aceitar nosso convite. É um prazer entrevistá-lo. Para iniciar nossa conversa, uma pergunta pessoal. Existem muitas razões pelas quais os estudiosos se dedicam à Arqueologia e à História Antiga. No caso de Paul Veyne, por exemplo, foi a descoberta de um fragmento de uma ânfora em um sítio celta quando ele era criança. Mas acredito que nem todos têm essa sorte. No seu caso, o que a levou a se dedicar ao estudo do Mundo Antigo?

R. Rebecca Sweetman: Muito obrigado! Esta pergunta sempre me faz sorrir. Eu quis ser arqueóloga pelo tempo que consigo me lembrar... (com apenas um breve momento em que pensei que queria ser veterinária!). Meus pais são ambos arqueólogos, e tive a sorte de ter a oportunidade de crescer em um sítio arqueológico, já que meu pai passava seus verões escavando na Irlanda. Foi numa viagem em família a Cnossos, quando eu tinha 12 anos, que realmente me apaixonei pela Arqueologia Grega. Tive a oportunidade de cursar Estudos Clássicos na escola como uma disciplina "extra" que nosso professor de História, Sr. O'Leary, ofereceu a um grupo durante o intervalo. E, na universidade, fiz uma graduação conjunta em Arqueologia e Estudos Clássicos. Passei muitos anos escavando

na Irlanda e trabalhando em Creta durante meu curso, mas ficou claro desde o início que a Arqueologia Grega era minha paixão (e também o fato de que a Arqueologia da Irlanda pode ser um pouco desafiadora em termos de clima!).

2. Tendo trabalhado como diretora assistente da Escola Britânica de Atenas (BSA) no início de sua carreira, entre 2000 e 2003, como professora de História Antiga e Arqueologia na Universidade de St. Andrews desde 2003 e atualmente como Diretora da BSA desde setembro de 2022, qual é a sua opinião sobre instituições como a Escola Britânica para a sociedade e a comunidade internacional de pesquisadores?

R.: É muito importante para instituições como a BSA estarem integradas o máximo possível na comunidade local e na comunidade acadêmica. Nossa disciplina tem amplo apelo a um público diversificado, o que torna a troca de conhecimento e o engajamento público realmente gratificantes. Em Atenas, estamos expandindo nosso programa de divulgação, algo que Cnossos já faz muito bem, para compartilhar nosso conhecimento com grupos de estudantes e refugiados forçados, ampliando o escopo de como a Arqueologia, a História e a ciência podem ser usadas em áreas que vão desde a educação até o bem-estar... E, é claro, para diversão! Há muito mais a ser feito nessa área. Quando estava em St. Andrews, conduzi um projeto de 4 anos com uma das minhas alunas de doutorado, Alison Hadfield, sobre experiências táteis com material arqueológico para o bem-estar; trabalhamos com vários grupos de pessoas com necessidades de cuidados (por exemplo, crianças com desafios de aprendizado, pessoas com problemas de saúde mental e prisioneiros) para introduzi-los à cultura material e, ao longo de várias sessões, conseguimos registrar que as pessoas se sentiam mais felizes, confiantes, mais bem informadas e até afortunadas após trabalhar com nossa equipe. Alison agora está trabalhando com pessoas com demência em estágio inicial para mostrar como as experiências táteis com Arqueologia podem ser benéficas. Foi fantástico ter Alison vindo para Atenas para ver o ótimo trabalho que está sendo feito aqui em museus como o Benaki, o Canellopoulos e o Tactual.

A BSA trabalha para fornecer instalações para acadêmicos na biblioteca, arquivo, permissões, centro de pesquisa de Cnossos e, por meio de nossos próprios programas de pesquisa, temos oportunidades fantásticas de colaboração, e esse também é um papel fundamental para compartilhar recursos e conhecimento e usar nossos 137 anos de experiência no campo! Na BSA, nosso Laboratório Fitch (que completa 50 anos no próximo ano) é um exemplo de nossa abordagem inovadora na promoção da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) e das mulheres em STEM por meio de mentoria e

envolvimento. Juntos, o Laboratório Fitch e a BSA estão trabalhando na interseção das Artes, Humanidades e Ciências de um modo que poucas instituições conseguem fazer.

3. Tive o prazer de frequentar a Escola Britânica de Atenas entre 2021 e 2022. Durante esse curto período, tive a oportunidade de conhecer o trabalho da instituição e observar o empenho de seus membros. Você poderia nos falar sobre alguns dos projetos de pesquisa que estão sendo conduzidos atualmente pela BSA?

R.: Temos vários projetos de campo que estão sendo realizados sob os auspícios da BSA. Por exemplo, Toumba Serron (Dimitra Malamidou, Nicolas Zorin e James Taylor) estão escavando um sítio Neolítico Tell próximo a Serres, no norte da Grécia. Colegas aqui estão integrando métodos digitais e de escavação para lidar com a complexidade desse sítio, e já parecem ter evidências de casas dentro do assentamento e enterros fora de seu perímetro. Anastasia Christofilopoulou, Michael Loy, Naoise MacSweeney e Jan Mokrišová estão conduzindo um levantamento na área oeste de Samos. Novos trabalhos estão começando no assentamento rural da Antiguidade Tardia e Bizantina de Kato Choria, em Naxos, que está sob a coordenação de James Crow e Mark Jackson. Novas áreas do sítio de Palaiokastro, um projeto de longa data da BSA, têm sido o foco de novas escavações conduzidas por Carl Knappett e Andrew Shapland. O trabalho em Cnossos é contínuo, e os colegas lá estão pesquisando uma mistura de dados legados e projetos mais recentes. O curador de Cnossos, Kostis Christakis, está colaborando com a Universidade das montanhas em um estudo etnográfico sobre tecelagem, que envolve o cultivo de algodão em Cnossos. A pesquisa do Fitch abrange do Neolítico à Idade Média e, geograficamente, expandiu-se além de seu foco principal no Egeu para incluir áreas que vão da Cornualha à costa ibérica, dos Bálcãs ao norte da Mesopotâmia.

O Fitch está repleto de colaborações internacionais, incluindo o trabalho com Vasif Sahoglu e sua equipe em Cesme, investigando o assentamento da Idade do Bronze Tardia lá. Eles têm resultados preliminares empolgantes em relação à erupção de Thera! O Fitch também colabora de perto com colegas da Universidade de Salônica, em Toumba, e com várias outras instituições, no projeto PlaCE. Este último é um programa de rede internacional de treinamento em tecnologia cerâmica.

O projeto 1821, patrocinado pela Fundação Stavros Niarchos, é um estudo abrangente liderado por Michalis Sotiropoulos, e com o trabalho do arquivista da BSA, Amalia Kakissis, eles estão focados no material de Finlay mantido aqui na BSA, para lançar luz sobre esse ponto de virada na história grega. O Finlay Digital já está disponível online!

Nossos estudantes da instituição, bolsistas pós-doutorados Leventis, bolsistas visitantes, bolsistas de início de carreira e contemplados com bolsas de arte conduzem

seus próprios projetos de pesquisa, e tem sido um dos pontos altos do trabalho do diretor conhecer esses colegas e fazer parte da instituição que apoia suas pesquisas.

4. Como o tema "Cidades no Mundo Antigo" é um dos principais focos da edição atual da revista, é impossível não mencionar o "Projeto Cnossos 2025", que promoverá a reconstrução do Museu Estratigráfico e investimentos no Centro de Pesquisa de Cnossos, na ilha de Creta. Sabemos que Cnossos é um dos sítios arqueológicos mais importantes do mundo, o mais antigo assentamento da Europa e o centro da civilização minoica. É inegável que a história da BSA, em Cnossos, desempenhou um papel significativo no desenvolvimento acadêmico de arqueólogos e historiadores e na construção do conhecimento histórico. Qual impacto você acredita que o "Projeto Cnossos 2025" terá nas futuras gerações de pesquisadores, e como é fazer parte deste momento significativo para a Arqueologia Grega?

R.: As coleções do Museu Estratigráfico são sem paralelo... os achados das escavações realizadas no vale de Cnossos (principalmente pela BSA) são armazenados aqui e abrangem datas que vão desde o Neolítico até o Bizantino. Colegas de toda a Grécia, Reino Unido e internacionalmente são encorajados a pesquisar e consultar o material, bem como trabalhar no material primário em si para publicação ou mesmo novas compreensões do material antigo. O novo Museu Estratigráfico tornará todo esse material muito mais acessível aos estudiosos, permitindo novas interpretações do passado, já que instalações de pesquisa de ponta possibilitarão isso. A integração de espaços de armazenamento e trabalho especializado melhorará consideravelmente esse trabalho. Idealmente, os pesquisadores poderão consultar o material em conexão com os dados arquivais armazenados na BSA e também com o material de Evans no Ashmolean.

5. A cultura material e os vestígios arqueológicos das antigas sociedades que perduraram ao longo do tempo e chegaram até nós, como os encontrados em Cnossos, muitas vezes estão desconectados de sua condição original, função e até mesmo localização geográfica. Nesse sentido, como os arqueólogos lidam com essas questões?

R.: Esta é uma pergunta interessante e há muitas maneiras diferentes de abordá-la. É fundamental tentar, tanto quanto possível, manter o conhecimento do contexto original, o que sempre pode contribuir para uma melhor compreensão da função. No entanto, assim como com o espaço, funções e significados podem mudar dependendo de uma série de circunstâncias. Fizemos uma série de experimentos em St. Andrews para entender o impacto de diferentes tipos de experiências táteis com a cultura material (ver objetos em uma vitrine, interagir com reconstruções digitais, sentir objetos sem vê-los ou manusear

originais). Os resultados foram realmente interessantes... uma vez que as pessoas manuseavam os objetos (independentemente do conhecimento do contexto original), elas começavam a falar sobre o fabricante ou usuário do objeto... era o elemento prático. Em outros contextos, a distância do objeto fazia com que as pessoas os considerassem mais como arte do que como artefato. De qualquer forma, o mais importante aqui é publicar de maneira rápida e aberta... fornecer todos os dados e permitir que os pesquisadores revisitem os dados repetidamente.

6. Embora tivessem o Mediterrâneo como elemento unificador, as diferentes cidades antigas construídas ao redor desse mar apresentavam muitas diferenças entre si, seja em termos de edifícios, arquitetura ou topografia que constituíam a paisagem urbana. Em seus estudos, como os realizados na região do Peloponeso, o que você observou?

R.: Embora, como arqueólogos, estudemos as pessoas por meio de sua cultura material... quando se trata de espaços, não somos tão hábeis em entender esses espaços como locais povoados que mudam de acordo com o clima/número de pessoas/períodos etc. A topografia é fundamental para moldar o desenvolvimento das cidades e vice-versa... independentemente de onde essa cidade esteja localizada. Há muitas maneiras de abordar essa questão... mas acho que gostaria de considerar a resiliência, especialmente nas paisagens urbanas. A partir do meu trabalho recente nas Cíclades, fica claro que as ilhas eram protegidas de grandes desastres devido à sua resiliência. A vantagem de muitas vezes serem as primeiras a experimentar tempos difíceis é que esses espaços muitas vezes são os mais abertos a novas ideias.

7. Nas últimas décadas, estudiosos têm buscado enfatizar as diferenças entre a 'khôra' e a 'ásty'. No entanto, por muito tempo, não havia uma preocupação mais consistente em diferenciar esses espaços. Considerando a divisão das cidades, qual é a sua opinião sobre a apreensão e diferenciação desses espaços para a compreensão da vida cotidiana?

R.: Hummmmm... Há muito a ser dito sobre isso. Eu acho, como mencionado acima, que é importante ver ambos esses espaços como espaços povoados, conectados e mutáveis... Uma das questões-chave que temos com essa pergunta é o fato de que o foco da análise arqueológica e histórica tem sido a cidade. Há um reconhecimento significativo disso, e levantamentos arqueológicos, Arqueologia Ambiental e abordagens eco-críticas estão ajudando a corrigir o viés, mas ainda há um longo caminho a percorrer antes de termos informações tão detalhadas sobre o campo como temos sobre a cidade. Argumentos

tradicionais sobre interdependências ainda persistem, mas novas abordagens para entender o uso do espaço que incorporam abordagens de diferentes disciplinas sinalizam um caminho positivo adiante. Acho que a chave para entender o espaço é chegar a um entendimento de sua temporalidade e flexibilidade... que os espaços são feitos e refeitos tão rapidamente quanto a mudança do dia para a noite ou dependendo de quem está ocupando esses espaços. Em nosso volume sobre espaços vividos na Antiguidade Tardia (veja abaixo), observamos que todas as nossas contribuições definem o espaço de maneiras diferentes e destacam a fluidez do espaço.

8. Ao longo dos anos, tenho percebido uma certa desconexão em relação à história das religiões, especialmente o cristianismo, com questões de natureza espacial. No entanto, considero fundamental a relação entre indivíduos e espaço para entender o desenvolvimento e o apagamento de tradições religiosas e culturas, como sugeri em meus estudos sobre a cristianização de Constantinopla. Sei que você desenvolveu o projeto 'The Late Antique Cyclades: Landscapes, Networks and Christianization', no qual analisou a cristianização das cícclades no período da Antiguidade Tardia. Você poderia mencionar os resultados obtidos e comentar sobre a importância do espaço para sua análise?

R.: Essa é uma ótima pergunta! Tenho pensado sobre isso porque acredito que isso ocorre em parte porque os estudantes não têm tantas oportunidades de realizar trabalhos de campo e ver os sítios na paisagem como antes. Para contrariar esse pensamento, tenho trabalhado com Carlos Machado em um volume editado intitulado Espaços vividos e a Antiguidade Tardia. Gostaria de pensar que o trabalho de colegas nesse livro está desafiando a desconexão que você mencionou.

9. A relação entre História Antiga e Arqueologia Clássica é, sem dúvida, muito próxima. Existem inúmeros trabalhos que correlacionam essas disciplinas, tornando às vezes difícil separá-las. Como historiador, vejo a contribuição que a Arqueologia traz para minha pesquisa. No entanto, gostaria de saber como a Arqueologia se relaciona atualmente com a História.

R.: Não tenho certeza de quão útil é esta resposta... Eu acho que você sempre precisa relacionar tanto a Arqueologia quanto a História sempre que possível. Elas podem contar diferentes histórias sobre o passado, já que nós, arqueólogos e historiadores, trazemos nossas próprias interpretações do passado para essas histórias. Portanto, acho que é sempre útil distinguir perspectivas ao usá-las sem preconceito... se isso faz sentido?

10. *No campo dos estudos sobre o Mundo Antigo realizados no Brasil, testemunhamos uma aproximação entre diferentes áreas do conhecimento, como História, Arqueologia, Antropologia e Artes, o que tem proporcionado valiosas trocas teóricas e metodológicas. No entanto, para pesquisadores iniciantes, conciliar fontes textuais e arqueológicas ainda é um desafio. Você tem algum conselho para esses casos?*

R.: Essa é uma ótima pergunta! Como acadêmicos, o tempo que podemos dedicar à pesquisa está sendo reduzido... mas, interessantemente, como nossa bibliotecária aqui na BSA apontou recentemente, o número de monografias produzidas aumentou significativamente nos últimos 10 anos em nossa disciplina. Mas, voltando à sua pergunta, acho que a resposta é ler. Leia o máximo possível e o mais amplamente possível. Peça a amigos e colegas para lerem seu trabalho. Vá a seminários e conferências que não estão diretamente relacionados ao seu tópico específico e esteja aberto a diferentes perspectivas!

11. *Em 29 de abril de 2023, experimentamos a perda de Rosemary Cramp, uma importante arqueóloga especializada em estudos anglo-saxões e a primeira mulher a ser nomeada professora na Universidade de Durham, em 1971, onde foi chefe do Departamento de Arqueologia até 1990. Mais recentemente, em 8 de fevereiro de 2021, também perdemos Cyril Mango, um dos principais bizantinistas do século XX, responsável por combinar Arqueologia, História, Arte e Arquitetura. Gostaria que você comentasse sobre a contribuição de autores de gerações passadas para a consolidação da Arqueologia e como você vê o futuro da disciplina.*

R.: É sempre importante entender o desenvolvimento da Arqueologia, de onde viemos e quem são as figuras-chave. Na verdade, uma das primeiras aulas que oferecemos aos nossos novos alunos de Arqueologia é sobre a História da Arqueologia. É importante refletir sobre as pessoas que estudaram as pessoas, assim como as pessoas que estão sendo estudadas. Isso ocorre obviamente devido ao fato de que a experiência que temos e o contexto em que fazemos nossas interpretações afetam nossa compreensão do passado. Eu me preocupo um pouco com os estudantes e os desafios que enfrentam para poder realizar trabalhos de campo, adquirir experiência, obter financiamento para fazer pós-graduação e, claro, conseguir posições. Não é um momento fácil. A importância de trabalhar com dados legados não pode ser subestimada, especialmente quando vemos o impacto das mudanças climáticas de forma tão clara em sítios arqueológicos. Dito tudo isso, o mentoramento e o encorajamento de futuros estudantes, capacitando-os a obter a mais ampla gama de experiências em Arqueologia possível, devem ser o caminho a seguir.